

DEPÓSITO LEGAL
16 OUT. 1967



VOZ DA FÁTIMA

A Lisboa
Biblioteca Municipal Central de LISBOA

Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cónego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLIV — N.º 541
13 DE OUTUBRO DE 1967
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avenida

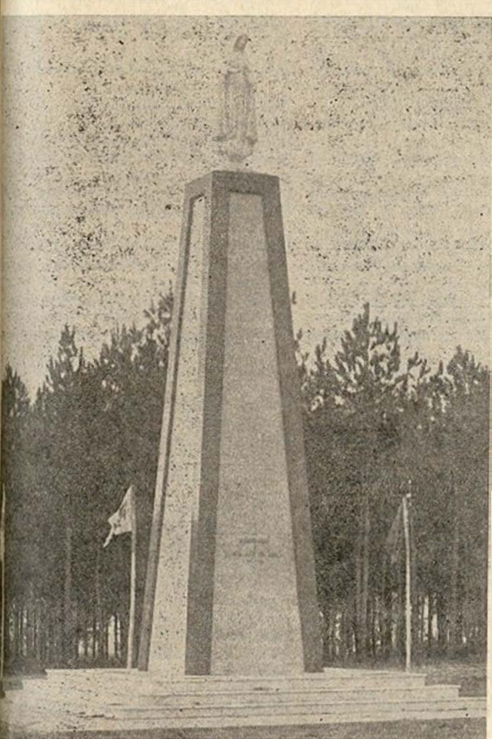
Tem de rezar muitos Terços

NA primeira aparição da Fátima, no dia 13 de Maio de 1917, travou-se esta conversa entre Nossa Senhora e Lúcia:
— Donde é Vosmecê? — perguntou a pastorinha.
— Sou do Céu.
— E eu também vou para o Céu?
— Sim, vais.
— E a Jacinta?
— Também.
— E o Francisco?
— Também irá, mas terá que rezar muitos terços.
Como o pastorinho só via Nossa Senhora, mas não ouvia as suas palavras, as companheiras contaram-lhe o que Nossa Senhora tinha dito.
«E ele feliz — escreve Lúcia — manifestando o contentamento que sentia, na promessa de ir para o Céu, cruzando as mãos sobre o peito, dizia:
— Ó minha Nossa Senhora, teres rezado quantos Vós quiserdes».
E cumpriu bem e com toda a perfeição esta recomendação da Mãe do Céu.
«Desde aí — continua Lúcia — mudou o costume de se afastar de nós, como que passeando. E se

chamava por ele e lhe perguntava que andava a fazer, levantava o braço e mostrava-me o terço.
Se lhe dizia que viesse brincar, que depois rezava connosco, respondia:
— Depois também rezo. Não te lembrás que Nossa Senhora disse que tinha de rezar muitos terços?»
Rezava pelos nfontes o terço, sózinho, rezava-o com as companheiras e rezava-o também à noite com a família.
Na ante-véspera do Natal de 1918 caiu de cama. Nem então se esquecia do pedido de Nossa Senhora. Como a doença não lhe permitia rezá-lo sózinho, pedia à Lúcia ou a outras pessoas de família que o ajudassem.
A mãe recomendava frequentemente que nunca deixasse de o rezar, porque ele nunca se esquecia. Quando a boa mulher respondia que o omitia devido aos muitos afazeres ou por esquecimento, o pequeno lembrava-lhe que podia rezar, mesmo pelos caminhos.
Que santo empenho em cumprir a vontade de Nossa Senhora e fazer que os outros a cumprissem também!

Afirmou Nossa Senhora que o Francisco iria para o Céu, se rezasse muitos terços. O pequenito sujeitou-se inteiramente a esta condição: rezou terços e muitos terços. Por isso também Nossa Senhora cumpriu a sua promessa levando-o para o Céu, logo que morreu.
Como é que se sabe? Por este caso, contado por Lúcia:
«Entrou um dia no quarto do Francisco uma mulher da Casa Velha chamada Mariana, que, afiada por o marido ter expulso um filho de casa, pedia a graça da reconciliação do filho com o pai.
O Francisco respondeu-lhe:
— Fique descansada. Vou breve para o Céu e, quando lá chegar, peço essa graça a Nossa Senhora.
Não me lembro bem os dias que tardou a ir para o Céu, mas o que recordo é que, na tarde do dia em que o Francisco morreu, o filho pediu pela segunda vez perdão ao pai, que já lho tinha negado uma vez por ele se não querer sujeitar às condições impostas. Sujeteu-se a tudo o que o pai lhe impunha e restabeleceu-se a paz naquela casa».
Tinha dito o Francisco que, ao chegar ao Céu, alcançaria de Nossa

Senhora essa graça. E obteve-a logo que morreu. Não será sinal claro e evidente de que, apenas faleceu, entrou no Céu?
Se cada um de nós perguntasse a Nossa Senhora se vai para o Céu, talvez Ela nos respondesse como ao Francisco:
— Sim, vais, se rezares o terço todos os dias.
Os santos, bons intérpretes do Evangelho, consideram o terço como meio seguro de salvação. E porquê? Porque Jesus prometeu muitas vezes dar-nos tudo quanto Lhe pedirmos. «Pedi e recebereis, procurai e encontrareis; batei e abrirem-se-vos-á. Porque todo aquele que pede recebe: o que procura encontra e a quem bate abrir-se-lhe-á» (Luc. 11, 9-10). «Tudo o que pedires ao Pai em meu nome Ele vo-lo dará» (João 16, 23).
Em cada uma das 53 ave-marias do terço pedimos a boa morte — graça que é certamente para a glória de Deus e bem nosso. O Senhor, fiel às suas promessas, não deixará de conceder esta graça a quem tantas vezes, durante tantos anos de uma vida inteira, lha soube pedir com fé, confiança e humildade.
Eis a razão de ser o terço a chave que quase infalivelmente nos há-de abrir as portas do Céu.
F. L.



Inauguração de um Monumento ao Coração de Maria na NAMAACHA (Moçambique)

O passado dia 13 de Agosto foi, para a Namaacha, uma data inolvidável — a inauguração solene do monumento ao Imaculado Coração de Maria.
A preparar esta inauguração, houve, na tarde do dia 11, um encontro de sacerdotes, religiosos e religiosas, com duas palestras sobre a renovação sacerdotal e a vida religiosa à luz da Mensagem da Fátima, seguindo-se uma via-sacra pública. Ao cair da noite, uma conferência para a população sobre a renovação da sociedade à luz da Fátima.
No dia 12, mais uma conferência sobre a Juventude e a Mensagem de Nossa Senhora, seguindo-se uma impressionante procissão de velas, em que se cantou o terço e rezou com fervor à Virgem da Fátima.
O dia 13 amanheceu solene e os raios solares, ao despontar no horizonte, anunciavam festa. Às 9 horas, organizou-se uma procissão até ao monumento. Eram 10 horas quando o Sr. Arcebispo, Dom Custódio Alvim Pereira, procedeu à bênção da linda imagem do Imaculado Coração de Maria. Em seguida, em frente ao monumento, concelebrou-se a Santa Missa, sob a presidência de Sua Ex.ª Rev.ª que, à homilia, se referiu a este testemunho de fé e devoção dos Portugueses à Senhora da Fátima e explicou o sentido da legenda: «Homenagem a Maria, Mãe da Igreja». No momento da comunhão, aproximaram-se de Jesus algumas centenas de fiéis.
Foi assim que a Namaacha, a «Fátima» moçambicana, neste ano cinquentenário das Aparições da Virgem, prestou a sua homenagem à Senhora.
Reproduzimos, aqui ao lado, o monumento, cujo pedestal tem 7 metros de altura e a imagem 2 metros.

EXORTAÇÃO PASTORAL DE PAULO VI SOBRE O CULTO DE NOSSA SENHORA

(CONTINUAÇÃO)

4. Mensagem mariana de convite à oração, à penitência, ao temor de Deus

Há, assim, uma mensagem de suma utilidade, que parece chegar hoje aos fiéis da parte d'Aquela que é a Imaculada, a toda santa, a cooperadora do Filho na obra de restauração da vida sobrenatural das almas (LG 61). Contemplando devotamente Maria, eles de facto conseguem d'Ela incitamento à oração confiante, à prática da penitência, ao temor santo de Deus.

E é igualmente nesta meditação mariana que eles ouvem as mais das vezes ressoar aquelas palavras com que Jesus Cristo, anunciando estar perto o Reino dos Céus, dizia: *Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova* (Marc. 1/15; cf. Mat. 3/3, 4/17); e a sua severa advertência: *Se não vos arrependerdes, perecereis todos de maneira semelhante* (Luc. 13/5).

Movidos, assim, pelo amor e pelo propósito de aplacar Deus, tão ofendido na sua santidade e na sua justiça, e animados também pela confiança na sua infinita misericórdia, devemos suportar os sofrimentos espirituais e corporais, a fim de expiarmos assim a dupla pena, de dano e de sentidos, isto é, a perda de Deus, sumo Bem, e o fogo eterno (cf. Mat. 25/41; LG 48).

5. O próprio Cristo aponta a Mãe como modelo da Igreja

O que deve ainda estimular mais os fiéis a imitar os exemplos da Virgem Santíssima é o facto de o próprio Jesus, tendo-lha dado por Mãe, implicitamente a ter apontado como modelo a imitar. De facto, é natural que os filhos tenham os mesmos sentimentos que as mães e que lhes imitem orações e virtudes. Portanto, assim como cada um de nós pode repetir com S. Paulo: *O Filho de Deus amou-me e entregou-se a si mesmo por mim* (Gál. 2/20; cf. Ef. 5/2), do mesmo modo, com igual confiança, pode acreditar que o Salvador Divino lhe deixou, também a ele, em herança espiritual, a sua própria Mãe, com todos os tesouros de graça e de virtude de que a tinha acumulado, a fim de que os derramasse sobre nós, como efeito da sua poderosa intercessão e da nossa corajosa imitação. É por isso que com razão S. Bernardo afirma: *Vindo a Ela o Espírito Santo, encheu-a de graça por ela mesma; inundando-a novamente o mesmo Espírito, Ela tornou-se superabundante e transbordante de graça também para nós* (15).

6. A história da Igreja, sempre iluminada pela presença edificante de Maria

De tudo que temos vindo a expor, à luz do Evangelho e da tradição

católica, resulta evidente que a maternidade espiritual de Maria transcende o espaço e o tempo e pertence à história universal da Igreja, porque nesta sempre Ela esteve presente com a sua maternal assistência. Igualmente fica claro o sentido da afirmação, tão frequentemente repetida: a nossa época pode bem dizer-se a era de Maria. Se é verdade, com efeito, que hoje, por uma graça insigne do Senhor, vastas camadas do povo cristão compreendem mais profundamente o papel providencial de Maria Santíssima na história da salvação, isso não deve ainda fazer-nos pensar que as épocas passadas não entenderam de qualquer modo tal verdade ou que as futuras poderão ignorá-la. A falar verdade, todos os períodos da história da Igreja beneficiaram e hão-de beneficiar da presença maternal da Mãe de Deus, pois Ela permanecerá sempre indissolúvelmente unida ao mistério do Corpo Místico de cuja Cabeça está escrito: *Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e sê-lo-á para sempre* (Heb. 13/8).

7. A Mãe da Igreja estandarte de unidade, estímulo à perfeita fraternidade entre todos os cristãos

Veneráveis Irmãos, a convicção de que o pensamento da Igreja Católica acerca do culto de louvor, de reconhecimento e de amor, devido à Santíssima Virgem, concorda totalmente com a doutrina do Evangelho, como mais precisamente a entende e desenvolve a Tradição,

quer do Oriente, quer do Ocidente, infunde-Nos a esperança de que esta Nossa pastoral exortação a uma piedade mariana, cada vez mais fervorosa e frutuosa, será acolhida generosamente, não apenas pelos fiéis confiados aos vossos cuidados, mas também por aqueles que, não gozando embora da plena comunhão com a Igreja Católica, todavia admiram e veneram conosco, na Serva do Senhor, a Virgem Maria, Mãe do Filho de Deus.

Possa o Coração Imaculado de Maria brilhar doravante ante o olhar de todos os Cristãos como modelo de perfeito amor para com Deus e para com o próximo; que Ele os conduza à frequência dos Sacramentos, pelos quais as almas são purificadas das manchas do pecado e dele defendidas; os estimule além disso a reparar as inúmeras ofensas feitas à divina Majestade; refulja, enfim, como estandarte de unidade e incite a aperfeiçoar os vínculos de fraternidade entre todos os Cristãos no seio da única Igreja de Jesus Cristo, a qual, *guiada pelo Espírito Santo, honra a Virgem Maria como Mãe amantíssima, dedicando-lhe afecto de piedade filial* (LG 53).

8. Convite a renovar a consagração pessoal ao Coração Imaculado de Maria

E porque este ano se comemora o XXV aniversário da solene consagração da Igreja a Maria Mãe de Deus, e ao seu Coração Imaculado, feita pelo Nosso Predecessor de

santa memória, Pio XII, em 31 de Outubro de 1942, por ocasião da Rádio-Mensagem à Nação Portuguesa (16) — Consagração que Nós mesmo renovámos em 21 de Novembro de 1964 (17) — exortamos todos os filhos da Igreja a renovar pessoalmente a sua própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja e a viver este nobilíssimo acto de culto com uma vida cada vez mais conforme à Vontade Divina (18) e em espírito de serviço filial e de devota imitação da sua celeste Rainha.

Exprimimos, por fim, Veneráveis Irmãos, a confiança de que, incitados por vós, o clero e o povo cristão confiados ao vosso ministério pastoral corresponderão generosamente a esta Nossa Exortação, demonstrando para com a Virgem Mãe de Deus uma piedade mais ardente e uma confiança mais firme. Enquanto Nós conforta a certeza de que a excelsa Rainha do Céu e nossa Mãe dulcíssima não deixará de assistir todos e cada um dos seus filhos e não retirará de toda a Igreja de Cristo o seu celeste patrocínio, concedemo-vos do coração, a Vós mesmos, aos vossos fiéis, em auspício dos favores divinos e em sinal da nossa benevolência, a nossa Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto de São Pedro, em 13 de Maio de 1967, quarto ano do nosso Pontificado.

PAULO PP. VI

NOTAS

- (15) *Homil.* 2 super *Missus est*, n. 2 (P. L. 183, 64).
- (16) Cf. *Discorsi e Radlomessaggi* di S. S. Pio XII, vol. IV, pp. 260-262; cf. A. A. S. 34, 1942, pp. 345-346.
- (17) Cf. A. A. S. 56, 1964, p. 1017.
- (18) Cf. Oração da festa do Im. Coração de Maria, (22 de Agosto).

Agradecem a Nossa Senhora Graças não Especificadas

Bárbara Martins Carrasco Baltazar, Vila Real de Santo António.
Etelvina Freitas, Casal do Alto, Lousa de Cima.
Adozinda de Araújo Barros, Foz do Douro.
Rosa da Conceição Ferreira, Candelária, Açores.
Puriza Domingues, Melgaço.
Luzia Vieira Nunes, Ilha da Madeira.
Adelaide dos Santos Pires, Nova Lisboa, Angola.
Adelaide dos Anjos, Jau, Murça.
Maria do Carmo Rodrigues, S. Miguel, Açores.
Clotilde do Espírito Santo Dias, Parânio.
Maria Luísa Fontes de Medeiros, Ribeira, Açores.
Maria Luísa Lopes Pinheiro, Urqueira, Norte.
Simplicio de Jesus Pinto, Nogueira.
P.º Fernando Ribeiro, Vila Nova do Ceira.
Maria Lisete Ruivinho, Loulé.
Maria Farinho Dias, Loulé.
Albina Benjamim Pinto, Bragança.
Manuel Silveira de Sousa e esposa.
Maria da Purificação Monteiro, Pera do Moço.
Constantino Arantes Cerdeira, França.
Maria Celeste Pinto Dias, Fátima.
Serafina Machado, S. Jorge, Açores.
Manuel dos Santos Martins, França.
Rosa da Glória Silva Pinheiro, Faial, Açores.
Joaquim da Terra Vargas, Faial, Açores.
Ana Correia, Lagos.
Lúcia da Conceição, Canhoto, Fonte Longa.

Catarina Conceição Pinto, Sobral da Adiça, Moura.
Maria Emília de Carvalho, Lisboa.
Zaida Moreira, Mões, Marco de Canavezes.
Maria da Piedade Flórido Trindade, Coimbra.
Maria Fernanda Cabral, Fátima.
João Martins de Ávila, Angra do Heroísmo, Açores.
Domingos Teixeira de Almeida, Venezuela.
Maria Veríssimo B. Costa, Calheta, S. Jorge, Açores.
Teresa G. Baptista Correia, Vila do Bispo.
Maria Vitória Marques, Barrosas, Arouca.
Lurdes Maria Vieira Picanço, Angra, Açores.
Ida de Jesus Cousinho, Sobral Magro, Pomares.
Isabel G. Faria, Providence.
Celeste R. Naia, Lisboa.
Maria da Piedade Almeida, Juncal, Porto de Mós.
Alzira da Rocha, Ferreiros, Cinfães.
Nicolau de Sousa da Fonseca.
Manuel Moreira, Barró, Resende.
Adelaide Rodrigues Gaspar Pascoal, Penha Garcia, Idanha-a-Nova.
Manuel Simão Nunes, Montemor-o-Novo.
Conceição Lemos Machado, S. Jorge, Açores.
Maria Tavares de Mendonça, Horta, Açores.
Maria dos Prazeres, Barreiro de Besteiros.
António Abel Carreira Lopes, Nogueira, Vila Real.
Élia Baptista Fernandes, Póvoa do Lanhoso.

Maria de Lurdes Capucho Oliveira, Livramento, Oeste.
Maria S. José, Torres Novas.
Ángela Cleto, Lisboa.
Maria Delfina Gomes, Vila Verde.
Maria Madalena Venturinha Paula Franco, Almada.
Glória Rodrigues Pão, Madeira.
Rosa Ferreira Dias, Casais do Campo, Coimbra.
Dine de Simone, São Paulo, Brasil.
Augusto Gomes da Mota, Souto dos Irmãos, Alvelos.
Adelaide Simas Silva, Horta, Faial, Açores.
Rosalina Ferreira Rebelo Várzea, Savaria.
Maria Sacristán, Santo Domingo de la Calzada (Logroño), Espanha.
Elvira Ferreira de Macedo, Campos, Santo Isidoro.
Albina Cristina de Pinho, Mosteiró, Vila da Feira.
Mariana de Castro Pereira, Terceira, Açores.
Rufina Miranda Neva, Carvocio, Barcelos.
Laura Teixeira Pinto, Porto.
Maria Iria de Sousa, Porto.
Aurora de Freitas Saraiva, Guimarães.
Maria Assunção Vaz Cruz, Vila da Rua, Moimenta da Beira.
Maria do Carmo Rodrigues, Ancião.
António da Costa, Marco de Canavezes.
Manuel Picão, Praia do Ribatejo.
Maria Amélia Ferreira, Rio Tinto, Porto.
Maria Alice Carvalho de Azevedo, Louro, Famalicao.
Maria Dina dos Santos Carvalho, Moimenta da Beira.

